



ISSN: 2595-5713

Vol. 4 | Nº. 8 | Ano 2021

### **COMITÊ EDITORIAL EXECUTIVO**

**Alexandre António Timbane  
Alyxandra Gomes Nunes  
Ivaldo Marciano de F. Lima  
Jacimara Vieira dos Santos  
Marcos Carvalho Lopes  
Rodrigo Castro Rezende**

#### **Site/Contato**

#### **Editores**

Ivaldo Marciano de França Lima  
[ivaldomarciano@gmail.com](mailto:ivaldomarciano@gmail.com)

Alexandre António Timbane  
[alexandre.timbane@unilab.edu.br](mailto:alexandre.timbane@unilab.edu.br)

Rodrigo Castro Rezende  
[rodcastrorez@gmail.com](mailto:rodcastrorez@gmail.com)

## **EDITORIAL - OITO NÚMEROS DE CADERNOS DE ÁFRICA CONTEMPORÂNEA – CAMINHANDO PARA SE CONSOLIDAR COMO PERIÓDICO DE GRANDE RELEVÂNCIA!!**

Em tempos de ares irrespiráveis, ainda vivendo dificuldades diversas no âmbito do ensino superior, com idas e vindas de uma pandemia que insiste em ficar, eis que temos mais um número de uma revista que também teima em existir. Cadernos de África Contemporânea, periódico que se propõe a difundir conteúdos alusivos à história da África contemporânea, segue seu caminho em trazer para um público maior temas e questões sobre os países africanos, suas dinâmicas e processos políticos, minudências no âmbito da cultura e toda uma gama de temáticas que de uma forma ou de outra contribui para entendermos o óbvio sobre a África.

Os brasileiros ainda são envoltos em estereotípias diversas sobre os homens e mulheres de África. Mesmo no âmbito acadêmico, predominam generalidades que impõem aos que vivem do outro lado do Atlântico, no olhar dos que estão em nosso país, uma identidade homogênea, como se fossem partícipes de um único povo, falando uma só língua e vivendo sob um só contexto.

Neste número, trazemos ao leitor e a leitora artigos que contemplam aspectos relacionados com a convivência pacífica entre praticantes de duas grandes religiões monoteístas em Moçambique, as relações internacionais e política externa, manifestações populares, cooperação estatal no âmbito dos desportos, memórias de povos tidos e ditos como minoritários em um Estado nacional e rituais, imersos em práticas que trazem consigo aspectos da cultura e, conseqüentemente, da identidade de homens e mulheres que não podem ser definidos ou compreendidos pela cor da sua pele ou local de nascimento.

Neste número, trazemos ao leitor e a leitora artigos que contemplam aspectos relacionados com a convivência pacífica entre praticantes de duas grandes religiões monoteístas em Moçambique, as relações internacionais e política externa, manifestações populares, cooperação estatal no âmbito dos desportos, memórias de povos tidos e ditos como minoritários em um Estado nacional e rituais, imersos em práticas que trazem consigo aspectos da cultura e, conseqüentemente, da identidade de homens e mulheres que não podem ser definidos ou compreendidos pela cor da sua pele ou local de nascimento.

O primeiro artigo, intitulado **Da excentricidade à formação de um hibridismo religioso e de coexistência menos conflituosa no Canal de Moçambique entre os séculos XVII e XX**, de autoria de Martinho Pedro, mostra como os praticantes do islamismo e do cristianismo, na região do Canal de Moçambique, convivem em relativa paz, aspecto que destoa de outros contextos, se compararmos esta situação com outras existentes no país e/ou continente africano de modo geral. Martinho Pedro mostra que esta convivência pacífica tem raízes na história, e desta forma, faz uso de extensa documentação, lastreada em profícua bibliografia para fundamentar e demonstrar sua hipótese sobre o problema levantado. Ao que parece, Martinho Pedro ainda segue a boa e velha tradição de historiadores que insistem em apontar luzes para problemas que devem (ou ao menos deveriam) ser respondidas no âmbito da ciência.

O segundo artigo, intitulado **Cinco séculos: alguns apontamentos sobre as relações África-Brasil**, escrito a seis mãos por Deolindo de Barros, Jacques Mario Almeida Ié e Wilton Pedro Serrote, entabula profícua discussão sobre a política externa do Brasil, indicando uma breve periodização da história deste país em suas relações com o continente africano. Reunindo um repertório conceitual que une Relações Internacionais e História, os autores indicam os três momentos da história das relações e política externa do Brasil com o continente africano. Entre aproximações e distâncias, os autores sugerem como estas relações são decorrentes dos contextos políticos vividos pelo Brasil, e de como estes interferem nas relações externas, especialmente com o continente africano.

O terceiro artigo, intitulado **A cooperação no desporto militar entre Angola e a Namíbia (2005 –2016)**, de autoria de Leonardo Tuyenikumwe Pedro, esboça uma breve análise entre dois países africanos que possuem uma relação de ajuda mútua na contemporaneidade, e que esta é decorrente de um processo advindo ainda dos tempos em que angolanos e namíbes lutavam por suas independências. O autor realizou entrevistas com pessoas envolvidas nos eventos referidos, e a partir de uma bibliografia específica, mostrou os pontos positivos desta relação de cooperação e de como ela se traduz em dividendos para ambos países.

O quarto artigo, intitulado **Ativismo, violência e centralização do poder angolano em tempos de pandemia: o caso Mbakita**, de autoria de Rafael Peçanha de Moura, discute sobre os

aspectos que envolveram a atuação de uma ONG angolana e a repressão que se abateu sobre a mesma, promovida pelo governo deste país. O artigo sugere que houve intervenções de organizações internacionais de Direitos Humanos, que protestaram contra a forma como o governo angolano atuou em relação à ONG em questão. Mbakita, que atuou como entidade de defesa dos direitos dos Sans, foi objeto de várias ações do governo, e o autor, de forma sensata, procura entender o contexto sob as balizas dos aspectos culturais e de como estes se desdobram no âmbito da política.

O quinto artigo, intitulado **As revoltas populares e a violência do estado: um olhar sobre as manifestações de 2008 e 2010 em Moçambique**, de autoria de Óscar Morais Fernando Namuholopa, discute sobre os modos como ocorreram duas grandes manifestações populares no país moçambicano, nos anos de 2008 e 2010. Tomando a revisão de bibliografia específica, além de documentação pertinente, o autor indica como os problemas entre a sociedade civil e o governo moçambicano são frequentemente questionados por movimentos de grande envergadura. Aqui tem-se, para os que acham que em África todos pensam da mesma forma, um bom exemplo de que no continente, e nos muitos países, há contradições, diferenças e processos dotados de minudências e especificidades diversas, sendo este artigo, portanto, uma excelente possibilidade de compreender parte deste processo complexo e dotado de urdiduras múltiplas.

O sexto artigo, intitulado **O Otchipululukiluo: ritual fúnebre Nyaneka-Nkumbi, comunidade do Baixo Bimbi do município da Humpata**, de autoria de Laurindo Lussimo Rufino, apresenta para o leitor e a leitora elementos de um ritual fúnebre, que ainda hoje é mantido como prática pela comunidade Muíla, que está localizada no município da Humpata, no Baixo Bimbi. O artigo, construído a partir da observação em campo, aliado às entrevistas feitas com os envolvidos e revisão bibliográfica específica, mostra como este ritual é dotado de semelhanças a outros praticados por povos dispostos em Angola e países próximos. O autor, com este artigo, nos brinda com excelente texto que certamente será de grande valia para os que pretendem se aprofundar nas pesquisas sobre as inúmeras identidades existentes em Angola, indicando, conforme afirmado no parágrafo anterior, que se engana quem achar que em África exista uma só identidade, cultura, prática e performance. A complexidade reina neste continente!

O sétimo e último artigo, intitulado **Memórias dos grupos étnicos minoritários no sul de Angola: a dimensão da vulnerabilidade socio-económica dos san**, de autoria de Oliveira Adão Miguel, é mais uma excelente oportunidade de compreender parte das identidades existentes nos muitos povos que vivem em Angola e países vizinhos. O autor faz uso de bibliografia específica, documentos diversos e sites da internet para discutir sobre como os sans se encontram em situação difícil, notadamente pelo fato de não estarem representados nas esferas da política, exatamente por terem outra compreensão de sociedade, mundo e meio. Os sans,

assim como os khois, constituem grupos de homens e mulheres que ainda hoje vivem em grupos dispostos em sociedades simples, o que em certa medida lhe deixam vulneráveis aos contextos externos dos muitos países que são organizados por procedimentos e modos que nem sempre (ou quase sempre) não levam em conta seus valores, ideias, modos, hábitos e usos. Uma excelente opção para conhecer uma sociedade complexa, que talvez nos indique pistas das muitas África(s) existentes no continente.

Enfim, ao leitor e a leitora, desejamos uma leitura profícua, de excelência e que traga bons frutos e sirva para que novas pesquisas sejam feitas, e com elas, outros artigos, de maneira que o conhecimento e a ciência estejam em permanente renovação e re-elaboração. A todas e todos uma excelente leitura!

**Ivaldo Marciano de França Lima.**